

28 DE MAIO

DIEGO





28
DE
MAIO

DIEGO

Conto 28 de Maio

Escrito por Diego

Revisão e Edição: Diego, DNA In Papel

Capa: Qui Creative

Contacto para editora: dnainpaper@gmail.com

Janelas entreabertas. Pouca luz. Eu vou escrevendo como se vomitasse versos. Nem consigo ver o que escrevo. Só os dedos. Só a sombra da mão invisível que corre em pista branca. Só a fragilidade. Que nem a vejo, só a sinto. E se sentir for ver? É a fragilidade e é a insuficiência, os afectos e a paixão que de mim não nasce, a solidão pendurada em uma árvore cujas raízes são as veias em que o meu sangue se mistura com a tinta que escorre em tela branca. É a editora que não larga o meu pé. Preciso escrever a todo instante. O último livro acabou de sair e já tenho de escrever um outro e melhor. Eu trabalho com as sensações, não sou um vendedor de arte barata. Quero os meus textos em museus. Quero os livros emoldurados em quadros de Paris. Que cantem os meus versos em orquestras do tempo de Mozart. Não assim. Não desta forma. Escrevendo como um louco vão acabar por matar a vida que há na poesia que eu inventei.

Não sou como Eça nem como Camões. Sou como sou. Quem seria se não fosse quem sou? Eu que sou o meu tempo e sou o que bebo, sou o vento e o sopro de África, sou o Cacuaco e o Inocência, e Camões não foi tudo isto, foi outra coisa qualquer.

O quarto continua pouco iluminado. E eu me levanto. Montes de papéis atirados ao chão,

livros espalhados, roupas, cinzeiro e uma mesa destrambelhada com uma cadeira e uma garrafa de vinho antigo. Estou com o tronco despido, coloco uma toalha e uns chinelos cansados. O relógio apita de súbito e estranho que o jornal ainda não me tenha vindo à porta. Coloco os óculos como se fingisse preocupação, mas era só um pretexto para que abrisse a garrafa de vinho. Tenho tido o costume muito pouco austero de ler o jornal ainda em casa, acompanhado sempre de uma taça de vinho, e falta-me muito pouco para que rebente todo com as minhas economias e volte aos empréstimos. Caramba!

Penso em retirar a toalha para lavar-me e sair para algum lugar, quando ouço o frenético bater da porta, e enquanto caminho para abri-la, penso comigo, deve ser do jornal, claro, foi só falar no Diabo que ele resolve aparecer. Abro a porta em um movimento esperançoso, e para a desilusão de mais uma certeza que se disse gloriosa, não havia uma única sombra sequer, e olhando para o chão, um envelope rosa. Estranho, Digo em baixo volume. Olho para os lados, fecho a porta e entro. É certo que um envelope rosa em nada estimula a minha tesão logo pela manhã, mas vejamos as coisas pelo lado positivo, já há alguma coisa para se ler, e havendo leitura matinal, há motivos de sobra para que o vinho se abra. Sento-me na mesa destrambelhada, desfaço

o envelope sem qualquer tipo de apreço aos arranjos, leio as primeiras três palavras e a minha expressão facial pareceu se ter modificado. São para essas alturas que o vinho é um salva leituras. Para que engulamos as surpresas que se vão apresentando.

Leio e vou lendo vagarosamente a carta de forma solene, embora não havendo qualquer solenidade que se lhe impusesse de início, umas vezes vou ficando chocado com as expressões, outras com as violações à gramática, outras com os incumprimentos à sintaxe, mas o certo é que nunca mais acabo de ler isto de tão longo que é. Já me levantei da mesa, as persianas já se abriram para que a luz abundasse, já me vou na segunda taça cheia, e agora, bem perto do final, acendo um cigarro e deixo que a perplexidade se instaure no ar como os fumos. A porta volta a bater e desconfio de modo instintivo que fosse Marta, a puta que trouxe cá à casa na noite anterior vindo reclamar afectos, mas logo me desfaço de tal precipitada suposição para que não volte a cair no mesmo lago de surpresa inesperada.

— Quem é? Pergunto

— É do correio, Respondem.

— Pois, o Diabo atrasou-se, mas chega sempre.

Era o jornal. Irrefutavelmente tarde e má hora, nesta altura.

Às pressas, atiro o jornal para a confusão de livros e papéis atirados ao chão e volto para a misteriosa carta. O senhor Marcos aceita a proposta? Dizia o final. E como palavras que não são actos são apenas sopros, me mantive em silêncio, mas por pouco tempo de digestão. Em segundos já me tinha transformado em uma flecha que em milésimos saía de um duche desajeitado, e em outros milésimos que correram depressa, já me vestira e destrancava a maçaneta da porta.

Ponho os olhos fora e vejo a rua e vejo o sol a dar-me com força na testa, num movimento rápido e ágil coloco o velho chapéu cuja aba é bastante larga para cobrir-me dos raios do astro, vejo a gente que há muito não via, estive meio século trancafiado neste quartito, estive a compor prosa política e polémica sobre as saias da Ginga que se levantaram para que fosse rainha, caminho e já vejo as torres, a escola e a bomba de combustível, e quase a chegar ao Largo vejo uma multidão de gente que parece enfurecida, são as manifestações que viraram quotidianas, as revoluções contra o império do Zé e seus amigos. O mundo pareceu-me um caos maior que o habitual. Estar trancado dá essa falsa impressão, de que o mundo somos só nós.

Por isso, o rico não ajuda o pobre, é porque não sente fome, está trancado em si mesmo.

E sem que ninguém desse por mim, passo discretamente pela raivosa gente que quer comer vivo o Zé, afasto-me aos poucos do Largo, e olhando assim para mim ninguém desconfia que hoje cedo bateu-me a porta uma carta mistério. Passos que vou marcando são em direção ao nada. Com um fatinho aprumado em Ferragamo vindo de Florença, os óculos em platinado e uns sapatinhos caríssimos de Veneza que me deu o primo. Esbarro-me com Marta vindo em direção contrária à minha.

— Marcos, Disse ela sorrindo de uma ponta a outra.

— Bom dia para si também, Respondi-lhe friamente.

— Que bela coincidência agradável. Ia, agora mesmo, ter consigo em seu apartamento.

— E é possível saber-se o motivo da inesperada visita?

— E seria possível um interrogatório com menos arrogância como se fosse eu uma qualquer? Se não me quiseres ver nunca mais que o digas, és livre de o fazer, mas escusas-te de ser azedo

comigo em plena rua e luz do dia, pelo amor de Deus.

— Não fui azedo, Marta, apenas perguntei o que ias fazer a essa hora do dia em minha casa, sabes bem que sou imensamente atarefado.

— Sei bem que é um homem ocupadíssimo, eu que sou uma vagabunda com nada para fazer da vida. Queira desculpar-me, não lhe volto a incomodar o precioso tempo.

— Que exagero, mas desde já, peço desculpas, te deve ter caído mal o tom e as expressões. Como posso compensar-te o mal entendido?

— Diz-me tu, já não estou para empolgar-me.

— Queres as chaves de casa para que te acomodes enquanto resolvo o que tenho a resolver?

— Não seria nada má ideia, e penso eu que seja a alternativa mais respeitosa em uma altura como esta, porém, vejo que escolheu a mais estúpida e covarde, dar amores na noite e desprezar quando se faça dia.

— Aqui tem as chaves. Cuide bem dela. Não me demoro nada.

— Pode deixar. Bom serviço.

A seguir, despedimo-nos como dois pombinhos, que após uma enfurecida desavença matinal, escolhe o prazer para livrar-se da raiva, e não havendo camas neste Largo, limitou-se em desenhar-se caminhos opostos pintados com a despedida que a boca disse à tinta legível. Atraíamo-nos como íman. Um à norte e outro à sul, mas como se ainda estivéssemos juntos, como se ainda pudesse sentir o que ontem senti que hoje nem mais sei.

Eu não sei e nem me quero atrever a saber, que raio de feitiço teria Marta nos olhos e no sabor das palavras, para que desse as chaves de casa. Quando chegar ainda escrevo sobre isso e lhe mostro, aposto que há de rir-se comigo à gargalhada.

Chego à porta de um edifício demasiado comprido, cumprimento os dois seguranças que lá estavam e subo o elevador. Enquanto subo, encolho os ombros e reviro os olhos com desconfiança, pois, quando na carta, ingenuamente, li Serpa Pinto, não me passava pela cabeça, em hipótese alguma, que fosse ser em um desses gigantescos edifícios dos homens do partido. Pensei outra coisa. Uma ruela com pretos mal encarados, ou um carro Chevrolet de vidros escurecidos, uns motoqueiros com óculos de sol, uns códigos à distância... algo mais clandestino, ou tudo o resto, todo um mar de mil

possibilidades, com a exceção disto, um escritório de advogados no centro da cidade?

Subo e chego à porta 28. Recebo umas apalpadelas de outros dois homens, que perguntam pelo meu nome em tom como se me fossem assassinar a socos e pontapés, e depois pedem, educadamente, para que entre. Entro, e lá está ele. O autor da carta de hoje cedo.

— Ora, ora. Seja bem-vindo, caro Marcos. É uma honra recebê-lo.

É assustado, respondo apenas com a cabeça e dou as mãos a cumprimentar seguindo-se um sorriso visivelmente falsificado. E sento-me. Tudo me espanta. Os móveis de escritório, o ambiente luxuoso em que sou recebido, o homem à minha frente, um mulatito como eu com sotaque da Xibia e um fato infinitamente mais caro que o meu, a luz, o ar que se sente, a música de fundo, que não sei se toca ou se a invento com o ponteiro de não sei quantos relógios que vejo aqui, ou os vejo ou os invento também, como invento a tensão e a palidez e o suor na testa, o fingimento brando escamoteando infinita intranquilidade. E o homem volta a dizer as mesmas palavras e com o mesmo tom e a cabeça já me dói.

— Ora, ora. Seja bem-vindo, caro Marcos. É uma honra recebê-lo. E continua, O meu nome é

Valdemiro, desculpe não me apresentar formalmente na carta, é que gosto de preservar a minha identidade.

— Eu sou Marcos. É tudo o que tenho a dizer.

— Neste caso o seu nome é já o de menos, já toda a gente o sabe.

— E o que mais quer que lhe diga?

— Como se sente em relação a isso, por exemplo?

— Como me sinto?

— Sim, como se sente.

— Como acha que me sinto?

— Perplexo?

— Aflito.

— Aflito como, se tem tantos livros a serem vendidos?

— Primeiro, não são tantos, e segundo, neste país, tão pobre no que toca a cultura, não se pode viver da escrita, ou da arte em geral, a menos que se seja medíocre, o mais medíocre que se consiga, aí sim somos *bestseller*. Mas julgo que isto seja já de domínio do Valdemiro, por isso me telefonou a mim, creio.

— Sim, nisto tem razão. Poupemmo-nos dos rodeios e vamos direto ao ponto então.

— Concordo consigo. Diga, o que terei eu de fazer?

— É bastante simples. Terá um volume de quatro entregas diárias e vinte semanais, se as cumprir todas, receberá um montante de trezentos mil por semana, e está feito.

— É só isso?

— Nunca é só isso, meu caro Marcos.

— Pois então diga, o que mais terei de fazer?

— Bem, teoricamente é apenas isto, mas na prática, há riscos que estará sujeito a correr. Como a polícia, os gangs e coisas desse tipo.

— Não me escolheu ao calhas. Sabe bem que de mim pouca gente há de suspeitar.

— Tem razão. E já agora, belo fato este que usou.

— Não é tão belo nem tão caro quanto o seu, mas obrigado a mesma.

— Aqui tem.

— O que é isso?

— Sua primeira entrega. Os homens lá fora lhe darão as coordenadas todas.

— Ok.

E recebo da mão de Valdemiro uns embrulhos em plástico.

— Marcos!

— Eu mesmo.

— E aqui tem o seu primeiro pagamento como estímulo. Trezentos mil em kwanza.

Boquiaberto, não sabendo se pulava de alegria ou se continuava a conter a urina dentro de mim, recebo o dinheiro de maneira seca e pálida como se nada quisesse. Saindo pela porta que entrei, destrancando-a com mil e uma interrogações girando em volta da minha cabeça, ouço, já de costas para Valdemiro, sua voz como um recado embrulhado em caixa explosiva. Não confies tanto na sorte. E fechei a porta arrastando-a sem pressa. Limpei a testa, fui suspirando compulsivamente como um cão esfomeado, e é bem verdade que não há pois grande distinção entre um e outro. Os dois homens das apalpadelas chegam e dão-me um papel rosa com as indicações todas e me vou embora.

Não quero nem pensar no que me acabou de suceder agora. É certo que foi um episódio aparentemente chocante para o tipo de gente que sou, mas também, não nos esqueçamos que foi

voluntariamente premeditado pelas minhas escolhas. Então acabou-se. Chorar pelo leite derramado não faz com que o copo se encha. E nem sequer há leite aqui nos sacos que carrego, há outra coisa. E por outra, o que é isso de tipo de gente que sou? Eu sou gente comum vivendo entre os comuns, e gente comum, até onde sei, é comum também em suas escolhas, e escolhe o que a circunstância manda, ou a vontade, ou a fome, ou sua natureza, supondo que existe. O que está feito está. E será só uma vez e acabou-se. A editora me tem pago tão mal, os livros estagnaram, o senhorio a chatear-me a renda do condomínio... as dívidas me vão deixar louco... é só uma vez, juro que não me vou esquecer, uma vez e acabou-se.

Andando, passando entre meados de várias pessoas de várias cores, de várias roupas e vários aromas baratos, vou passando como se não os visse, e talvez de facto não veja o que penso ver, são ilusões, é o olhar a vaguear sem se importar com o que há por dentro, esbarro-me de quando em vez com o braço de alguém, peço-lhe as desculpas ou ele me pede a mim, outras vezes é o próprio olhar que se cruza com uma desconhecida e por lá fica, e já sinto o cheiro do meu bairro, falta pouco para que veja o Largo. Ai, a Marta Marta Martinha, hoje me vai sentir, sensações confusas a que a vou provocar, as de

ontem já não me recordo hoje, o ontem é o ontem, o hoje só Deus sabe o que esses dedos e essa boca hão de fazer, para não falar do resto, ainda me empolgo e transbordo tudo pelo caminho... preciso guardar energias. Chego à casa, bato a porta em três toques e Marta não se demora em abrir-me, marco dois passitos e o inevitável salta-me às vistas. Retirando o chapéu pergunto-lhe, desta vez em tom simpaticante,

— Por que fizeste tudo isso?

E Marta responde,

— Parecia um chiqueiro.

— Odeio que arrumem a minha desarrumação, sem saber, provocam uma bagunça ainda maior. No caos, eu sei onde está a ordem. Na ordem, nada mais há que um caos desconhecido por se aproximar.

Marta encostou-se a mim, calou-me a boca e deu-me um beijo como se tudo o que disse fosse um disparate em cima do outro, e pergunta, como boa companhia alugada que é,

— Por que não tiras esse monte de tralhas que te aprumaste todo? Pareces exausto.

E no final da frase, já eu sentia duas mãos delicadas em meus ombros massageando o monte de merda que fizera hoje a minha pessoa.

E fechei os olhos. Marta pediu que eu me sentasse e retirou-me os sapatos e as meias e pô-las num canto organizado. Abriu-me o fecho das calças com uma calma que não saberia exprimir nessas palavras que agora me escapam. As calças saem com lentidão propositada, e de cima, vejo um rosto perfeitamente angelical como foi o da minha mulher, traços fininhos, pele tão macia e perfumada, cor por inventar-se, dedos de fadas do Walt Disney. Marta deverá ser ou de Benguela ou de Lubango, das duas uma, encaixa-se como luva. Daqui a nada estou eu sem roupa, mas não em pelota ainda, estou como estive no começo deste dia que vos apresentei a todos, de sunga e sem camisa interior, falta-me só a toalha para que entre em um duche pouco ou nada desajeitado desta vez. Martinha não vem comigo. Está a terminar a esparguete. Que cheiro bom. Esta casa nem parece a minha. Na minha só há comida enlatada.

Antes de entrar ao banheiro, Marta aparece com duas taças servidas ao meio, e convida-me a degustar do que ainda restava do velho vinho da manhã, fazemos o brinde, as taças beijam-se e cantam cânticos românticos. Marta bebe abrindo pouco sua boca vermelha que mais se avermelha como se bebesse sangue, e eu me contive, fechei os olhos, agitei a taça e senti o cheiro das uvas do Alentejo como faria um enólogo sul-africano.

— O pobre vinho não merece que lhe beba assim tão imundo, Digo pousando a taça na mesinha que outrora foi destrambelhada, Vou lavar-me e volto num segundo — Despeço-me de Marta.

Enquanto me lavo, as águas em quedas terapêuticas como as de kalandula, fazem com que me recorde de cada palavra e cada frase que ouvi durante o dia. As cascatas aumentam de intensidade sobre as minhas costas, sou submerso por diversas sílabas, desde o jornal que não li à carta misteriosa lida até ao final das suas unhas do pé, ao bom dia do homem do correio, aos seguranças do prédio, aos apalhões dos caenches da porta vinte e oite, à confusão de gente enquanto vinha, e já me esquecia dos revús do primeiro de maio e as frases de Valdemiro. A hora do banho é sempre assim. Uma mescla de informações absurdas para formarem uma lógica irrepreensível ou quiçá verossímil. Ando a procura de inspiração para o próximo livro. O livro é isso. Uma procura de si. A angústia do homem no tempo, como disse um escritor que admiro. Fechei a torneira, o silêncio instalou-se dentro de mim, e me recorde: não confies tanto na sorte. Calço os mesmos chinelos cansados de sola gasta e penso, Valdemiro, de facto, tem razão, podia ganhar a vida em um jornal de meia tigela como o Expansão, ou traduzir meia dúzia de obras com o meu inglês enferrujado, era

suficiente para a vidinha austera que levo, Gertrudes não mais vive para esvaziar-me os bolsos... espera, deixei ficar os sacos na cama? E rapidamente corro para os socorrer do olhar de Marta, certamente os abriria e congelaria de tão devastada que fosse estar. Felizmente chego a tempo e controlo o baralho de cartas. Enxugo os pingos de água que ainda me molham a pele com os pés descalços em tapete cinza, sacudo os cabelinhos e penduro a toalha no moleiro. Pego na taça e bebo. E Marta diz-me segurando na taça do outro lado,

— És um mal educado, nem me convidas ao brinde.

— Não te preocupes, ainda me faltam umas quantas gotículas, vamos a tempo de um último brinde.

Brindamos. E Marta bebe. E sua boca avermelha-se. E pousa a taça. E sorri no canto da boca. E morre. Bebi a taça errada. Bebemos os dois. E vejo o corpo de Marta perder as forças e suspirar a vida. O corpo estendia-se ao chão em câmara lenta, vai morrendo depois do cálice, o último gole de sua vida. A boca entreaberta e os olhos a fecharem-se como o apagar de esperanças da alma, fazia brotar uma incredulidade sem fim. O vinho era envenenado. As razões desconhecem-se, são eternas

incógnitas. Nunca virei a saber, pois, a boca cuja verdade se havia de erguer, é só um sorriso selado, é boca que já não é, é nada. Marta morre à beira de meus olhos e o pavor toma conta de mim por inteiro. A sorte é uma grande vagabunda, tem razão o Valdemiro. Deita-se connosco umas quantas vezes, mas há de chegar o dia em que nos vai abandonar. A sorte é como as putas, hoje temos e amanhã não mais, não é de fiar.

O pavor instala-se como uma verdade difícil de descer a garganta. Arrepiam-me os pêlos todos, o estômago rói, o rosto esbranquiçado, o olhar arregala, e de imediato caem-me as vestimentas afáveis com as quais cheguei à casa. Que porcaria tinha no outro vinho? E por que eu? Não há tempo para perguntas cujas respostas estão nelas mesmas. Onde estão as calças? Espera, já as encontrei. E a camisa? Alguém viu a camisa? Não esta, a outra, e que diferença faz? Que se lixe, vou usar esta que não gosto, deixa-me antes organizar o pensamento. Tecnicamente estou com uma corda ao pescoço, porque, tecnicamente há uma mulher morta em minha casa, que tecnicamente fui eu quem a matou. Mas eu sou inocente, o problema são os homens do SIC, caso cheguem, não teria como explicar, são uns arruaceiros piores que o pobre do Luaty. Então já sei. Vou ligar ao agente e pedir-lhe um

carro, sei bem que com uma desculpa boa há de aceitar. Depois, é só desfazer-me do motorista, ponho o corpo no carro e sigo para onde der. Não é hora de conclusões finais, o que preciso é de espaço, tempo e espaço para digerir tudo. Mas antes, um copo com água e açúcar, acalma-me os nervos quando estão à flor da pele.

Já não me aguento olhar para o inexpressivo rosto de Marta, melhor lhe cobrir com um pano, senão acabo que nem ela. Sento-me e telefono ao agente estrangeiro a pedir o carro. O número chama, e na mente crio um roteiro de aldrabices para despachar a conversa. Ele anda convencidíssimo de que serei grande e vou conquistar o mundo com os livros que escrevo. A chamada é atendida, ouço uma voz roca do outro lado,

— Minha Grande Joia, Disse ele.

— Estou sim, Mr. Edison.

— Como vais, grande escritor?

— Eu vou indo, na medida do que se pode.

— Bom, muito bom. E o que me trazes? Terminaste com a remessa dos cem que te dei?

— Liguei-lhe justamente para falar sobre isso, tenho ótimas novidades.

— Então me conta. Que diamante é esse?

— Ligaram-me hoje cedo do Hotel Bikuku e tenho lá uma reunião à porta fechada com oitenta pessoas que me querem ouvir e comprar os livros.

— Bom, muito bom, muito bom mesmo. E qual a dificuldade, caro Marcos? São ótimas notícias. Vou mandar uma equipa para ter contigo.

— Sim, mas não mandes tantos, Mr. Edison, penso que só o Messias será suficiente.

— Messias o motorista?

— Este mesmo.

— Dá-me uns segundos e já lhe resolvo este problema. Parabéns, eu sabia que serias grande. E desligou.

Os segundos pedidos pelo agente Edison se foram transformando em minutos, minutos que viraram horas e horas que rapidamente viraram eternidade. Quase que consigo ver o estúpido sol ir-se embora atrás da estátua. Que se lixe, vou arranjar um plano sobressalente. Se esconder o corpo aqui em casa e correr à estação ainda encontro comboios que vão ao Planalto a esta hora? Penso que sim, só são ainda cinco da tarde.

Eu penso isto e junto penso outras asneiras que se vão sucedendo da mesma sequência estapafúrdia. Termino de atar os sapatos, e estou decidido. Não vou esperar por Messias, não quero que isto acabe pior. Então, pego em duas colchas, uma mais pesada que a outra, e faço um embrulho bem feito e coloco o corpo de Marta e vai ao guarda fatos, quando a encontrarem, já terei estado longe daqui.

O corpo ficou mais pesado. A primeira vez ainda caiu-me dos braços. Que chatice. Voltei a colocá-la e a fechar o embrulho como deve ser e lá foi, o guarda-roupa fechou-se e o defunto está guardado. Agora será apenas sair como num dia tão normal como o de ontem e fazer-me a estrada. Andar à passos que não sei se vão para frente ou se vão para trás, examinar-me por dentro e não me reconhecer, olhar para o que ficou, pensar nas chaves que nunca deviam ter saído da algibeira do casaco, se tivesse acabado o vinho mais cedo, se ontem estivesse a escrever e não com Marta, se Gertrudes não morresse... tudo o que fica, mostra que o que vem, em nada depende da minha pessoa, sou apenas uma bolha no meio de outras tantas bolhas, sou um nada que nunca quis ser tudo, sou um acaso, uma vida cuja vida não lhe pertence a ela.

Saio de casa, ando e ouço bruscamente uma buzina. E paro. Duas possibilidades: ou

finalmente chegou o Messias ou o SIC ouviu pelos altos o meu delito não cometido e me veio caçar. Viro-me e não reconheço o carro. Chevrolet escura, vidros escuros, levantados e sem matrícula. O vidro do pendura baixa e um homem pede que me aproxime. Já o reconheço, é o homem lá dos advogados, funcionário de Valdemiro. Fazem um sinal com os dedos para que eu entre no carro, e lá dentro, vejo Valdemiro, o homem do fato mais caro que o meu, que mantém uma postura serena a todo instante, como se estivesse cego e indiferente ao espetáculo do mundo. Toca-me nos dedos e pergunta,

— Para onde ia o Marcos?

E respondo-lhe,

— Fazer a última entrega.

— Esplêndido! Logo deduzi, por isso trouxe mais quatro para o dia de amanhã.

— E como sabe o meu endereço?

— E como acha que veio aqui parar a carta?

— Já me esquecia disso.

— Aqui tem a mercadoria. Boas vendas. Já se pode retirar.

E saio. Volto ao apartamento. Voltamos à estaca zero. Levo as duas mãos à cara e abano a cabeça, Não pode ser, não pode ser, como é que me veio calhar este amontoado de azares? Levanto-me e ando de um lado para o outro, ainda abri o guarda-roupa para ver se estava tudo bem com Marta, e ouço outra buzina, desta vez, nem palpite quais seriam as duas ou as três ou as cem alternativas possíveis, não há empolgamento para tal, só o cigarro que nem está quase ao fim. Abro a porta ainda com o cigarro à boca e vejo Messias. Era como se tivesse uma túnica e olhos azuis e viera para imacular o pecado da terra.

— Posso entrar? Perguntou-me.

— Não precisa, espera-me no carro que já volto.

— Só não te demores.

— E porquê? Estás cansado?

— Cansado? Gostaria. Estou exausto. Estou morto, se queres saber.

— Então por que não me deixas ir eu ao volante? Tu até podes ir para a casa e aproveitar descansar.

— Se o Edison souber me mata, e você sabe.

— Ele não precisa saber. Eu cubro-te. Sabe que tenho grande apreço por si.

— Farias um grande favor, senhor Marcos, preciso mesmo de um cochilo.

— Então vá e aproveite, eu me resolvo com o resto.

— Até mais.

— Até mais.

E como bom Messias, Messias subiu aos ares, deixou-me aqui às minhas custas, terei de me virar como puder. Vi o relógio agora há pouco e já são seis e meia, vou esperar que escureça um pouco mais e me vou embora antes que Valdemiro volte a aparecer aqui como uma sombra de um raio que o parta.

Enquanto isso, me ponho a vasculhar a bolsa de Marta e não encontro um único vestígio sequer do veneno que usou, um crime bem feito, porém, saído pela culatra. As buscas aos pertences de Marta não param, são incessantes, qualquer porcaria já serve, uns brincos, uns anéis, o que for, eu nem sei o porquê, só sei que procuro, talvez querendo caçar Coelhos encontre Dinossauros, e a noite já é noite, já há o som dos grilos, a lua já se esbanja toda. Toco em várias coisas, até que meus dedos chegam em uma foto nas confusões da carteira de Marta. Dou um grito de espanto e levo a mão à boca, incrédulo e com os cabelos no ar, mas que dia é este que me

foi calhar? Marta é afinal mulher de Valdemiro? Ou será antes irmã, ou cunhada, ou uma prima distante? Mas o que faz aqui uma foto de Valdemiro, e mais, junto com duas outras fotos de uma senhora de idade que parece a mãe, e um rapazito que parece o filho, e Valdemiro aparece-me neste meio? Eu mexi com a mulher de um traficante?

O coração me vai sair pela boca a qualquer momento, e depois as tripas e depois o resto, já quase nem sinto os pés, toco-me os braços e estou gelado, e o pescoço e o tronco, mas sinto, que quanto mais perplexidade, mais eu perco tempo. Eu vou morrer, mexi o fruto do Éden, o paraíso da vida já não me pertence, habitarei em território inóspito a comer do pão que o Diabo amassa, é o que me resta. Será que Valdemiro a mandou matar-me e saiu-lhe pela culatra também a ele? Penso nisso em outra altura, já são dez da noite, preciso me despachar.

Pego nos livros e nos rascunhos todos com a mão trêmula e ponho no interior do carro, pego o cigarro e meto na algibeira das calças, o isqueiro também vai comigo, o casaco e os óculos, não posso me esquecer deles, e falta um livro, este pode ficar. Agora pego o corpo, embrulho com a mestria e frieza de coveiro do Benfica e coloco no porta-malas sem que ninguém se apercebesse, já é tarde, quem passou pela rua e viu, não lhe

deve ter passado pela cabeça que fosse defunto a ser levado ao nada. Duvido que se tenha lembrado disso.

Só falta eu no carro. Entro. Rodo as chaves. A luz acende. E vou. O telefone toca, mas não atendo, nem vejo o nome. Tiro o isqueiro de que não me esqueci. Acendo um cigarro. Subo os vidros e passo o Largo à oitenta quilómetros por hora. Acelero e vou mais fundo, sinto o pedal a lambar-me os pés, beijo loucamente este cigarro como se fosse o último dos últimos, os pneus movem-se só para mim, tão sensuais e relutantes, há a música de fundo, há a carícia dos estofos do banco, há a cintura fina do volante, estas jantes que gemem de prazer, gritam a cada curva que faço sem reduzir a velocidade, a condução é excitante, e parece que há gente a aplaudir-nos, gente que são as luzes da cidade, que se vão masturbando por não me tocarem a pele, fecho os olhos e sinto o orgasmo do gasóleo, quando abro, há uma luz forte na minha direção, estou em sentido contrário, giro e reviro o volante, tiro o pé de onde estava e ponho no outro, mas não há voltas, o retrovisor está cego, a mudança sumiu... só há sangue, só há eu a rastejar-me, e são 23:59, só quero que este dia acabe.

Marcos!